

**ROMPENDO CONCEPÇÕES ANACRÔNICAS: EM FAVOR DE UMA
EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA**

**BREAKING ANACRONIC CONCEPTIONS: IN FAVOR OF AN
EMANCIPATORY SEXUAL EDUCATION**

Daniel Costa Matos¹, Maylta Brandão dos Anjos²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro / Prefeitura Municipal de Mesquita / Secretaria Municipal de Educação, matos.dc@hotmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro / Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, maylta.anjos@ifrj.edu.br

RESUMO

A sexualidade tem ganhado espaço nas discussões em torno da educação. A adolescência representa uma fase de mudanças fisiológicas e psicológicas, processo importante na construção da personalidade adulta. Diante da exposição de diferentes informações com relação a padrões e modelos de sexualidade, alguma confusão pode ser gerada. Objetivando a reflexão desses padrões na atualidade, foi realizado um debate partindo da leitura de texto sobre os padrões e modelos dos séculos passados com alunos do 8º ano em uma escola da baixada fluminense. A transformação do padrão de gênero ficou evidente, abrindo espaço para sua desnaturalização com possibilidades de múltiplas manifestações de gênero. A metodologia realizada na pesquisa se configura num relato de experiência, que se traduz num trabalho em que possui como resultado, além das reflexões e debates, a produção de cartazes com as características desejáveis em homens, mulheres e na relação entre eles na sociedade que queremos.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação sexual, Gênero.

ABSTRACT

Sexuality has gained space in discussions around education. Adolescence represents a phase of physiological and psychological changes, an important process in the construction of adult personality. Given the exposure of different information regarding patterns and models of sexuality, some confusion can be generated. Aiming at the reflection of these patterns in the present day, a debate was held based on the reading of text about the patterns and models of the past centuries with 8th graders in a school of the baixada fluminense. The transformation of the gender pattern was evident, opening up space for its denaturalization with possibilities of multiple gender manifestations. The report of experience was the methodology used in the research, which translates into a work that results, in addition to reflections and debates, the production of posters with the desirable characteristics in men, women and in the relationship between them in society we want.

Keywords: Sexuality, Sexual Education, Gender

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado por intensas mudanças fisiológicas e psicológicas. Mudanças essas que contribuirão para a construção da personalidade do indivíduo. Toda sociedade, seja ela qual for, está constantemente impondo seus modelos ou padrões aceitáveis e desejados, tomando ações para apartar àqueles que não correspondem ao modelo. O adolescente é exposto a essas informações, contudo muitos ainda não possuem a maturidade suficiente para lidar com tais fatores, que leva à confusão na forma de se manifestar, principalmente em coletivo. Não é incomum que a necessidade de pertencer a determinado grupo conduza-o em situações de conflito, em que o jovem necessita se impor, de alguma forma. Frequentemente, a sexualidade é o recurso utilizado para este fim.

Ao tratar do tema, buscou-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte (LOURO, 2000). Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Englobam as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista.

Para compreender a sexualidade nos dias de hoje, devemos entendê-la como uma de nossas identidades sociais, sendo formada pela cultura e pela história, ou seja, ela é fruto de um momento histórico, social e cultural (LOURO, 2000).

De acordo com Engels (1982), as atividades sexuais eram livres entre homens e mulheres no início da civilização. A linhagem era materna, pois havia certeza apenas da mãe. Os grupos familiares formavam os clãs. Conforme este foi acumulando bens, a fim de garantir a herança aos filhos legítimos, o relacionamento sexual passou a ser exercido por um casal, num sistema patriarcal, e a linhagem sanguínea tornou-se a ser paterna. O sexo passou a ter finalidade reprodutiva, sendo as mulheres submissas aos maridos.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, as civilizações foram se diferenciando. Os gregos, por exemplo, valorizavam a reprodução dentro do casamento como forma de alimentar os exércitos para as constantes guerras. As meninas eram educadas para tarefas domésticas e para o casamento tão logo iniciassem a menstruação. Os homens eram desestimulados ao casamento antes dos 21 anos e a masturbação era condenada pelo medo de enfraquecer o corpo (CANO e FERRIANI, 2000).

Segundo Costa (1986), a civilização ocidental herdou os princípios morais, legais e religiosos do povo hebreu. Além disso, o casamento, na forma patriarcal, possuía cunho divino. Era exigida a virgindade até o casamento e a castidade era exaltada.

Os romanos assimilaram grande parte da cultura grega e a riqueza do vasto império dos cézares permitia festas suntuosas para a elite dominante, onde o prazer sexual era apenas parcialmente restrito (CANO e FERRIANI, 2000). Os mitos e tabus em relação ao sexo foram surgindo como forma de limitar as práticas sexuais, em especial aquelas que não levavam à reprodução. Assim, surgiram os tabus da masturbação, do sexo anal e da homossexualidade (GAUDERER, 1994).

Nas artes, a sexualidade sempre foi retratada, desde a antiguidade. Esculturas, quadros, poesias, peças de teatro, obras filosóficas e a literatura expunham o comportamento sexual e, por vezes, as práticas sexuais de suas épocas, contudo não havia um interesse tão evidente em controlar ou restringir a sexualidade. Foi a partir do século XVI, com a modernização da burguesia, que a Igreja se une ao Estado para enquadrar a sexualidade segundo os valores cristãos (COSTA, 1986). De acordo com este autor, a concepção religiosa possui tabus como o “pecado original” de Adão e Eva, em que tudo relacionado ao sexo está associado ao sentimento de “vergonha”, a pureza dos anjos por não possuírem sexo e a dualidade corpo/alma, onde o primeiro representa o prazer e a imperfeição enquanto o segundo é perfeito e imortal.

A partir do século XVIII, a medicina, altamente influenciada pelos ideais cristãos, transforma em postulados científicos as normas sexuais herdadas do cristianismo. O sexo “saudável” possuía como fim a reprodução e a sexualidade foi ligada à genitalidade e heterossexualidade. (LOYOLA, 1998).

No Brasil, a institucionalização dos saberes acerca da sexualidade para fins de educação sexual também iniciou-se na área médica, no final do século XIX, fundamentando-se, principalmente, em autores europeus. A intensa miscigenação do povo brasileiro fez surgir propostas baseadas no Higienismo e na Eugenia. Cidadãos saudáveis seriam formados quando lhes fossem dadas condições para que tivessem comportamentos e atitudes consideradas saudáveis, inclusive em relação à sua sexualidade. Portanto, a educação sexual da época tinha por objetivo instruir os indivíduos sobre a função da sexualidade, os mecanismos reprodutivos e normas para o desenvolvimento físico e mental que resultaria na formação de uma família igualmente

saudável (RIBEIRO, 2009). O sexo era tratado como algo a ser evitado como forma de prevenção de doenças venéreas (SAYÃO, 1997).

Várias tentativas de implementar a educação sexual foram realizadas ao longo do século XX, porém não apresentavam continuidade. As investidas foram interrompidas durante o período de ditadura militar. Somente com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) que a educação sexual foi definitivamente incluída nos currículos das escolas de ensino fundamental e médio, muito em decorrência de mudanças comportamentais no interior das relações sociais. A ascensão profissional da mulher e sua independência, a conquista de direitos da comunidade LGBT, os altos índices de gravidez na adolescência e o risco de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis contribuíram para a emergência desse tema.

Werebe (1998), Nunes (1987), Guimarães (1995) e Figueiró (2001) *Apud* Freitas e Chagas (2013), dentre outros/as autores/as que tratam desta temática, entendem que a Educação Sexual se faz por meio da transmissão dos valores éticos, morais, religiosos e culturais relativos à vivência do sexo. Tudo o que é ensinado/transmitido às crianças e aos jovens sobre o “certo” e o “errado”, o que “pode” e o que “não pode”, o que “deve” e o que “não deve” ser falado, pensado ou vivido em relação ao sexo, à percepção do corpo e dos papéis de gênero, é o que entendemos ser um trabalho de Educação Sexual. Estes valores, que têm a ver com a sociedade, o momento histórico e a cultura da cada um/a, são repassados desde o nascimento e continuam por toda a vida, pois o tempo todo educamos e somos educados/as por meio de todas as nossas relações sociais: família, amigos/as, meios de comunicação e também pela escola. Afinal, a educação é um processo permanente.

Werebe (1998) salienta também que a educação sexual, num sentido amplo global, não intencional, sempre existiu, em todas as civilizações, no decurso da história da humanidade, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não, assumindo características variadas, segundo a época e as culturas. Assim, hoje, mesmo que não tenhamos a consciência, estamos realizando educação sexual. Seja através de gestos, da forma de agir, expressar ideias ou até mesmo por meio do silêncio deliberado que, segundo Goldberg (1988), já indica um compromisso terrível: o de não se comprometer com a transformação da ordem para que tudo continue como está.

Desse modo, a educação sexual se constitui como um importante espaço de discussão, proposição e efetivação de ações concretas que promovam o combate à discriminação, o preconceito e a violência sexual, seja ela simbólica ou real. A escola já é, em si, um espaço onde as manifestações sexuais se evidenciam nas relações cotidianas, ainda que, em sua maioria, comportamentos e atitudes que expressem curiosidade, desejo ou prazer em decorrência da sexualidade sejam coibidos pelo corpo escolar (RIBEIRO, 2013). Contudo, devemos sim falar de sexualidade buscando superar a visão anacrônica, normativa, preventiva, moral e repressora que tem sido perpetuada ao longo de séculos, em vista de uma ação mais ampla e libertadora no tocante as relações entre os gêneros, de vida social e afetiva. Uma educação sexual emancipatória que, ao mesmo tempo lida com anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutivos, mas que também debata e questione os tabus e preconceitos em relação à diversidade sexual, igualdade de gênero e corpo. Questões que, se não tratadas corretamente, podem levar a ansiedade, medo e sentimento de culpa.

METODOLOGIA

A metodologia realizada na pesquisa se configura num relato de experiência, que se traduz num trabalho desenvolvido em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, com aproximadamente 30 alunos. A escola se localiza no município de Mesquita, baixada fluminense. A escolha da turma em questão se deu por conta dos problemas relacionados ao bullying de caráter sexual e a observação de uma sexualidade exacerbada e incompreendida.

Trechos do livro “Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil” de autoria de Mary Del Priori foram selecionados pelo autor e evidenciavam os modelos de comportamentos de homens e mulheres na sociedade dos séculos XVI, XVII e XVIII. Na fundamentação desse relato, os alunos foram separados em quatro grupos: dois grupos de meninos e dois grupos de meninas.

Os grupos de meninos possuíam trechos do livro que evidenciavam os comportamentos de homens. Os grupos das meninas possuíam trechos com os modelos de comportamento das mulheres. A leitura era feita em rodadas, em que os meninos liam um trecho do seu texto e, sem seguida, as meninas liam outro trecho do seu texto.

Foram realizadas quatro rodadas de leitura, sendo o total de oito trechos do livro. A cada rodada, a turma era convidada a discutir o que foi lido, relacionando com comportamentos da atualidade e refletindo sobre como deveriam ser o comportamento ideal de homens e mulheres na sociedade atual.

Ao final da leitura, os alunos reportaram quais características que estavam presentes no texto mais chamaram atenção. Compôs-se uma lista que fora enumerada no quadro branco, separados por homens e mulheres.

A finalização da atividade se deu por meio da construção de dois cartazes, em que os alunos listaram as características que consideravam ideais para homens, mulheres e a relação entre os gêneros. Os cartazes foram fixados no corredor da escola, onde outros alunos poderiam ter acesso ao que fora discutido. Avaliamos que tal relato expande cenário sobre os temas desenvolvidos e aumenta o repertório de trabalhos que podem auxiliar nesse processo de maior e melhor formação cidadã em todas as questões que tangenciam os sujeitos sociais.

O que é "Ser Homem" nos séculos passados?

2. Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas.

4. O homem tenta fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; Ele, o sexo nobre, ela, o belo. O culto pela mulher frágil, que se reflete nessa etiqueta e na literatura e também no erotismo de músicas açucaradas, de pinturas românticas; esse culto pela mulher é, segundo ele, um culto narcisista de homem patriarcal, de sexo dominante que se serve do oprimido – das pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das ancas, das coxas [...] o homem aprecia a fragilidade feminina para sentir-se mais forte e mais dominador.

6. Quando o brasileiro volta da rua, reencontra no lar uma esposa submissa, que ele trata como criança mimada, trazendo-lhe vestidos, joias e enfeites de toda espécie; mas essa mulher não é associada nem aos seus negócios, nem às suas preocupações, nem aos seus pensamentos. "É uma boneca, que ele enfeita eventualmente e que, na realidade, não passa da primeira escrava da casa, embora o brasileiro do Rio de Janeiro nunca seja brutal e exerça seu despotismo de uma maneira quase branda" dizia a professora francesa Adèle Toussaint-Samson. O culto da pureza que idealizava as mulheres reforçava a distância entre os casais. Assim sendo, os homens não procuravam ter prazer com as mães dos próprios filhos. Considerava-se que a familiaridade excessiva entre os pares provocava desprezo.

8. E os homens, bastiões de um respeitoso egoísmo, abstiam-se de toda e qualquer demonstração afetivo-erótica em relação às suas esposas. A tradição religiosa acentuava a divisão de papéis. Para a Igreja, o marido tinha necessidades sexuais e a mulher tinha que se submeter ao papel de reprodutora. Uma vez realizada a concepção, a continência mútua era desejável.

O que é "Ser Mulher" nos séculos passados?

1. A mulher era vista diminuída em comparação com o homem. "Galeno, no século II empenhou-se para demonstrar que a mulher não passava de um homem a quem a falta de perfeição conservara os órgãos escondidos."

3. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. A obediência da esposa era lei. A Mulher casada passava a vestir-se de preto, não se perfumava mais, não mais amarrava seu cabelo com laços ou fitas, nem comprava vestidos novos. Sua função era ser "mulher casada", para ser vista só por seu consorte. Como esposa, seu valor perante a sociedade estava diretamente ligado à "honestidade" expressa por seu recato, pelo exercício de suas funções no lar e pelos inúmeros filhos que daria ao marido."

5. A mulher tinha que ser dona de pés minúsculos. Seu cabelo tinha que ser longo, abundante e presos a penteados elaboradíssimos para fazer frente a bigodes e barbas igualmente hirsudos. Homem sem barba era maricas! Brillante sob o efeito de pomadas e cremes, presa em coques e tranças, trabalhada com flores artificiais ou naturais, em penas de aves ou seda, a capa capilar também servia de atrativos para os homens. A cabeleira feminina era tão importante nos jogos de sedução que as que não a tinham aumentavam a sua com cabelos de meninas mortas, vendidos em bandejas pela rua.

7. O resultado é que as mulheres tornavam-se beatas ou pudicas azedas, cumpridoras de seus deveres.

Figura 1: Trechos do livro utilizado para leitura dos alunos

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização da leitura, foi perceptível o maior incômodo por parte das meninas, ao passo que os meninos demonstraram menos insatisfação com relação ao modelo de masculinidade da época. Foi apontado pelos alunos que, apesar de algumas

mudanças superficiais, o modelo de masculinidade não sofreu alterações em sua essência, ou seja, nossa sociedade ainda continua com muitos traços daquele padrão do homem provedor, forte, dominador, que sustenta a casa e os filhos, mas que não divide tarefas domésticas, que não demonstra sentimentos e possuidor de um apetite sexual intenso, o que justifica sua ocasional infidelidade.

No entanto, o padrão feminino sofreu mais alterações, muito em decorrência de conquistas e lutas do movimento feminista. Chamou a atenção das meninas o trecho do livro em que as mulheres eram vistas como “fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. A obediência da esposa era lei” (DEL PRIORI, 2014). Foi apontado que, apesar das mulheres lutarem pela sua independência, inclusive de seus corpos, grande parte da sociedade ainda espera delas os comportamentos típicos dos séculos passados.

Esse momento foi propício para enfatizar a luta das mulheres pelo voto, pelo direito ao trabalhar, pela igualdade salarial e tantas outras que, até hoje, são determinantes para o avanço da igualdade entre os gêneros.

Toda a discussão foi conduzida como um bate papo, em que todos poderiam falar, respeitando um ordenamento com propósito de organização. Enquanto a reação mais comum das meninas era a surpresa e indignação com a qual as mulheres eram tratadas, boa parte dos meninos se orgulhavam ao ouvir as características masculinas, como que demonstrando que se encaixavam no perfil. Ao observar esse comportamento, ao final das rodadas de leitura e discussão, foi questionado se existe uma única forma de ser homem. Os alunos concordaram que não existe uma fórmula, mas que a sociedade espera determinados comportamentos e, se os meninos não correspondem a esse padrão, são considerados menos homens. Todos se eximem da responsabilidade de perpetuar esse padrão, mas o seguem sem refletir sobre eles. Segundo Louro (2000), a inscrição dos gêneros nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura. As possibilidades da sexualidade, das formas de expressar os desejos e prazeres, também são socialmente estabelecidas e codificadas. Ou seja, todos nós, que compomos a sociedade, somos responsáveis pela reprodução desses padrões.

Essa atividade se mostra importante no sentido de repensar exatamente essa naturalização de padrões e modelos de masculino e feminino. No entanto, para além da simples dicotomia dos gêneros, a atividade abre espaço para as discussões de tantas outras possibilidades de manifestação de gênero. A partir do que é próximo aos alunos,

ou seja os padrões dicotômicos, foi possível levá-los à reflexão com relação a rigidez desses padrões e a urgência em compreender e respeitar a diversidade.

A escola é o ambiente propício para a execução de atividades como essa.
Segundo Maia e Ribeiro,

é na escola que se espera que os educandos aprendam a questionar, refletir e se posicionar sobre atitudes relacionadas à sociedade, à cidadania, aos direitos humanos, à preservação do meio ambiente; é na escola que se espera que os indivíduos aprendam a adotar práticas preventivas visando à constituição de cidadãos críticos e autônomos, o que inclui uma educação sexual emancipatória (MAIA e RIBEIRO, 2011, p. 78).

Durante o processo de escolarização, é objetivo fulcral a formação de cidadãos críticos e reflexivos. A atividade desenvolvida se justifica, pois levou os alunos a questionarem um comportamento considerado inapropriado, ainda que repetido por certa “imposição social”. Nesse sentido, houve engajamento maior por parte das meninas, indicando maior desconforto com a situação em que a mulher é vista na sociedade. Os meninos, ainda que menos participantes, também foram capazes de refletir e repensar suas atitudes com relação às meninas e à construção da sua própria masculinidade.

Nas aulas seguintes, foi percebido que os meninos e as meninas estavam menos ansiosos com relação à sexualidade. As brincadeiras e verbalizações de conotação sexual, muito presentes entre os meninos, diminuíram e o bullying sexual que era feito havia sido atenuado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante reconhecer a sexualidade como parte intrínseca à vida. A desconstrução de tabus ou falsos moralismos que impedem o reconhecimento das individualidades sexuais, em especial as relacionadas às questões de gênero em sua diversidade de formas, representação e orientação, mostra-se fundamental para que possamos enxergar ‘o outro’ sem a lente do preconceito, reduzindo a discriminação e sofrimento daqueles que não se encaixam na sexualidade dominante.

Como docentes, buscamos conhecer nossos alunos de modo a desenvolver práticas que cumpram o seu propósito de gerar a reflexão e mudança de paradigmas. Por esta razão optou-se em conduzir a atividade partindo dos estereótipos sexuais dos

séculos passados a fim de gerar incômodo, pois muitas das concepções analisadas perduram até hoje. A partir desse olhar dicotômico, foi possível ampliar a discussão para outras possibilidades não pensadas anteriormente. Alarga-se o campo de entendimento da realidade do aluno, reduzindo a prevalência de concepções baseadas em preconceito.

A exacerbação da sexualidade durante a adolescência pode gerar conflitos, como observado na turma em questão. Muitos alunos não se sentem confortáveis em conversar sobre sexualidade com seus familiares. Por vezes, buscam os amigos e a internet, porém as dúvidas perduram. A atividade evidenciou que os alunos possuíam questionamentos não respondidos.

Por fim, consideramos a prática importante, pois possibilitou a reflexão acerca das várias possibilidades de manifestação de gênero e da diversidade sexual e diminuição da ansiedade com relação à própria sexualidade.

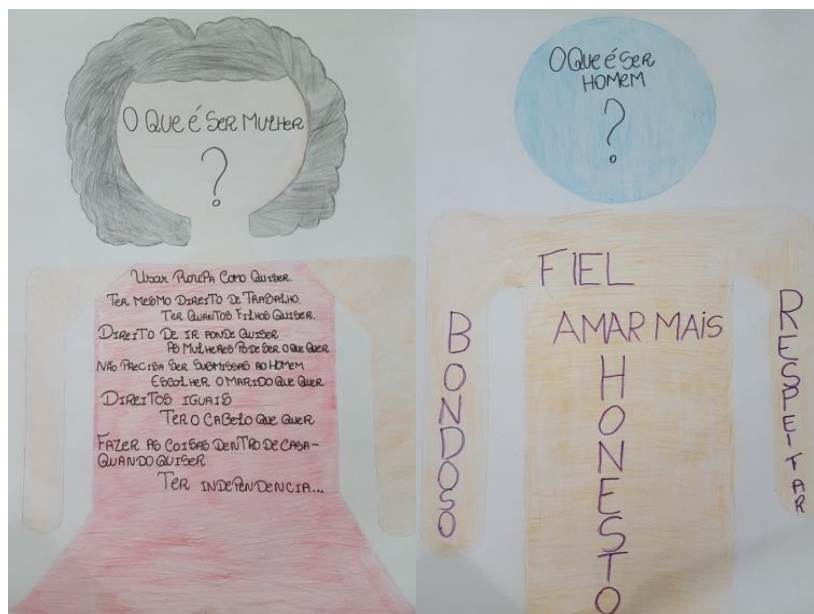


Figura 2: Cartaz produzido pelas meninas (esq.) e pelos meninos (dir.) evidenciando os desejos para as mulheres e os homens da sociedade atual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais – PCN. v. 8 e 10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEB, 1997.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.das G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev.latinoam. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**: dilemas e crescimento. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. 2º Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução Leandro Konder. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FREITAS, D. L.,; CHAGAS, I. Educação sexual em Portugal: a formação de professores como caminho. Um relato de experiências. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R.; REIS, M. A. S. (Org.). **Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas**. Petrópolis: Depetrus et alii. Rio de Janeiro:FAPERJ, p. 123-142. 2013.

GOLDBERG, M. A. **A educação sexual: uma proposta, um desafio**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

LOURO, G. L. Pedagogia da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34. 2000.

LOYOLA, M. A. Apresentação. In: LOYOLA, M. A. (Org.) **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. **Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação**. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP. V. 15, n. 1, p.75-84. 2011.

RIBEIRO, P. R. M. A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R.; REIS, M. A. S. (Org.). **Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas**. Petrópolis: Depetrus et alii. Rio de Janeiro:FAPERJ, p. 07-15. 2013.

_____. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, p. 129-140. 2009.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 107-117. 1997

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: autores associados, 1998.